Estado de Mato Grosso
Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

Elaine Palermo Rufino

Berenice e Egeu: A Constituição do Mundo Fantástico

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
RG Nº 10259
Data 16 / 07 / 04
Doação

Pontes e Lacerda, fevereiro de 2004

Turma- 2003/2

Elaine Palermo Rufino

Berenice e Egeu: A Constituição do Mundo Fantástico

Monografia de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso - Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do titulo de graduação em Letras.

Orientadora: Vanderluce Moreira Machado Oliveira

Pontes e Lacerda, fevereiro de 2004

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

_____

_____

_____

Local e data da aprovação

_____

Dedico este trabalho à meu esposo, Manoel Francisco, que, com sua companhia, seu sorriso, suas palavras e sua presença, tanto me apoiou e incentivou ao longo de todo o curso.

Eu não teria conseguido sem você!

Anjo da Morte

Doce Abrigo
Neste triste momento
À beira de um abismo profundo
Deixo meu último lamento
Rabisco num simples papel meu triunfo

Procuro uma resposta
Rastejando, querendo sumir
Sempre caio na derrota
Por que tenho que existir?

Sinto na alma um calafrio
Felicidade que outrora houvera
Dou meu último suspiro
Tudo morreu... se encerra a espera

Desculpas a quem me amou
Preciso partir prá ser alguém
Mamãe não chore agora
Desespero que de minha mente se apossou
Depressão que me aborda

A morte não será castigo
No vale da decepção
E sim doce abrigo
Pro meu pobre coração

Edgar Allan Poe

Agradecimentos

Muitas foram as pessoas que contribuíram, direta e indiretamente, para a conclusão do meu trabalho. Assim gostaria de agradecer minha orientadora profª. Vanderluce M. M. Oliveira, por disponibilizar-se a me conduzir durante este trabalho.

À meus pais que foram os primeiros incentivadores; à minha querida irmã, Eliane, e à meu cunhado, Daniel, que me acolheram em sua casa no início da minha caminhada.

À minha, sempre, amiga Edivânia, pelas palavras de apoio e incentivo em todos os momentos; e à Gisele, colega de trabalho, de faculdade e amiga, por agüentar meus momentos de mau-humor e tensão.

Um agradecimento especial à Nilsa Andréa, que em "conversas de salão", tanto acrescentou à este trabalho.

Por fim, gostaria de agradecer, pele troca de conhecimento, à todos os colegas da turma 2000/01, àqueles que iniciaram essa caminhada, mas que tiveram que se ausentar, aos que deram uma "passadinha" pela turma e aos que agora, serão os Formandos 2003/02.

À todos, obrigada!

Sumário

Resumo 02

Apresentação 03

O Romantismo 05

Edgar Allan Poe: Inconstância e Mistérios 08

O Conto e sua Historicidade 10

Berenice e Egeu: A constituição do mundo Fantástico 12

Considerações Finais 24

Referências Bibliográficas 26

Resumo

O presente ensaio monográfico apresenta uma análise do conto "Berenice"(1835), do escritor norte-americano Edgar Allan Poe. Nesta análise discutimos a constituição dos personagens Egeu e Berenice, os quais em meio à um clima doentio e de horror, estabelecem relação entre si e entre o fantástico.

Pensar Egeu e Berenice, consiste reconhecer que a constituição de um está profundamente amarrada a constituição do outro. E que os dois personagens estabelecem uma relevante conexão com o fantástico tradicional, eliminando quaisquer dúvidas sobre dois aspectos que formam faces da mesma moeda no conto Berenice(1835; a realidade e a fantasia.

Palavras Chave: Fantástico, horror e doentio.

Apresentação

As obras de Edgar Allan Poe são temas de debates desde o século XVIII e permanecem atuais até hoje, constituindo uma espécie de subsolo estrutural que alimenta toda a discussão em torno do que é fantástico e de horror na literatura do Ocidente. Diferentes autores que têm abordado a questão concordam que as narrativas poeanas são construídas de forma que o analista e o leitor atento possa obter o efeito máximo do fantástico com o mínimo de leitura. O efeito a que nos referimos são oriundos por excelência de temas como: a morte; para Poe não existem temas mais românticos de que a mulher e a morte, daí o motivo de suas obras serem constituídas a partir destes.

Mas, ao colocar em evidência esse aspecto das narrativas de Edgar Allan Poe, queremos apontoar nossas inquietações com mais vivacidade, pois a compreensão do fantástico poeano que nos impulsionou a buscar em "Berenice"(1835), elementos estruturais que compõem o conto. Entretanto, a medida em que avançamos nossa investigação deparamos com um problema clássico também nas discussão dos contos de Poe. Para estudarmos a personagem Berenice, mergulhamos no mundo de Egeu, personagem-narrador do conto em análise.

Ao depararmos com esse problema percebemos que a análise da personagem está entrelaçada a análise de Egeu, o narrador, pois Berenice não existe senão pela existência de Egeu, por isso nossa abordagem apresenta uma relação significativa da construção deste dois personagens.

Inicialmente, preocupados em compreender o fantástico, a partir da personagem Berenice, deixamos de lado alguns traços lingüísticos que marcaram interessantemente o conto de Poe, mas que são fundamentais para manutenção e êxito do fantástico tradicional. Em "Berenice"(1835), o fantástico é criado, primeiramente pelo efeito gerado através do posicionamento do narrador entre dois mundos: o da realidade, adquirida do sombrio, da melancolia e o da loucura. Este é apenas um dos muitos recursos utilizados no enredo de "Berenice"(1835), entretanto um leitor curioso encontrará muitos outros interessantes aspectos que são passíveis de discussão.

O que um leitor atento e curioso encontrará neste ensaio monográfico é tentativa de discutir teoricamente, os personagem do conto fantástico e a sua importância para a literatura moderna. Este estudo está dividido em quatro partes significativas. A primeira denominamos de "Edgar Allan Poe: Inconstância e Mistério", que trata de dados referente a biografia do autor; a Segunda parte nomeamos de "O conto e sua historicidade", em que detemo-nos na história do conto desde o seu surgimento na oralidade até ao registro na escrita; a terceira intitulamos de "Berenice e Egeu: a constituição do mundo fantástico", nela analisamos a relação dos personagens entre si e entre o fantástico; e finalmente nossas considerações sobre o trabalho e seus resultados.

Esperamos que esta discussão teórica sirva de suporte para estudiosos da literatura, tendo em vista que esta é fruto do amadurecimento de nossas reflexões. Evidentemente, não temos a pretensão que esteja pronta e acabada, mas que instaure inquietações e consequentemente novas discussões, isto é, novos olhares sobre a obra de Edgar Allan Poe.

O Romantismo

O Romantismo surgiu como movimento histórico na Alemanha e na Inglaterra, entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX. Está relacionado com o desenvolvimento sociocultural europeu, o qual propiciou para a eclosão da Revolução Industrial e Francesa. Surgiu para defender a liberdade de sentir, viver e expressar, contrapondo ao absolutismo político, religioso, social e estético. Segundo J. Guinsburg (1993), o romantismo é mais que um fato histórico, "... é um fato histórico que assinala, na história da consciência humana, a relevância da consciência histórica. É pois uma forma de pensar que pensou e se pensou historicamente." (p. 14)

A arte romântica inicia uma nova e importante etapa na literatura, voltada aos assuntos de seu tempo: efervescência social e política, esperança e paixão, luta e revolução e ao cotidiano do homem burguês do século XIX; retrata uma nova atitude do homem perante si mesmo. O interesse dessa nova arte está voltado para a esponteinidade, o sentimento e a simplicidade, opondo-se, desse modo, à arte clássica que cultivava a razão.

Nessa oposição ao Classicismo, abole todo tipo de padrão estético preestabelecido e prega a liberdade de criação. Para isso usa de versos livres e branco, aproximando-se a linguagem coloquial. Além disso retrata uma realidade interior, discorrendo os assuntos de forma pessoal e subjetiva, de acordo com o que sente, aproximando da fantasia. Essa fantasia motiva o artista romântico a idealizar tudo: as coisas são vistas segundo uma ótica pessoal. Assim, a pátria é sempre perfeita; a mulher é vista como virgem, frágil, bela, submissa e inatingível; o amor, quase sempre, é espiritual e inalcançável; o índio, ainda moldado segundo modelos europeus, é o herói nacional.

O impulso das idéias das revoluções provocaram e fecundaram novos processos que produziram forças que motivaram a formação da sociedade moderna, moldada segundo os ideais sociais por elas propagados. Esses acontecimentos históricos criaram um clima favorável a ruptura com o passado ainda próximo, ou seja, com o mundo ordenado da Idade Média, permitindo uma profunda mudança de

valores. É nesse sentido que um dos mais autorizados estudiosos da história afirmou: "A ênfase dada à liberdade fundamenta na afirmação de que os homens nascem livres e devem ser livres" e continua dizendo " a liberdade individual é incorporada ao individualismo da sociedade burguesa que nascia politicamente a revolução em todos os setores, mas principalmente no da arte" (GUINSBURG, 1993, p.33 e 34)

A afirmação deste renomado crítico da literatura é bastante significativa, uma vez que o Romantismo é entendê-lo a partir de um todo, que revelou-se como estímulo rebelde, insatisfeito com o sistema existente, de forma que repercutiu o anseio de renovação e abriu assim espaços para elementos que nunca fizeram parte do universo literário por exemplo o pessimismo e o idealismo.

> *O substrato ideológico deste complexo e contraditório movimento estético está ancorado no Idealismo alemão, e este no Racionalismo iniciado na França por Descartes no inicio do século XVII, que evoluiu para o Idealismo germânico articulado por Kant, no século XVIII. Mas é com Fichte e Schelling que esta matriz filosófica confluiu para Idealismo Absoluto de Hegel, já no século XIX (GUINSBURG, 1993, p.52)*

O idealismo romântico tem seu ponto de partida na hipótese de que o conhecimento puro não se dá de fora para dentro, mas num universo contrário, isto é, dentro para fora. Nessa concepção o "eu", o "sujeito" é quem cria e determina o "objeto", a "realidade". É neste ponto que Benedito Nunes (1993, in GUINSBURG) fala brilhantemente sobre a visão romântica como:

> *...a vida interior, espiritual, livre e profunda, a que levam a capacidade expansiva e o poder irradiante do Eu, concretiza-se em tudo aquilo que o indivíduo tem de singular e característico e por tudo quanto nele, dos sentimentos aos pensamentos, é capaz de sob a tônica do entusiasmo, manifestar espontaneamente, aflorando ao exterior, pela riqueza superabundante de conteúdos, que possuem forca própria, a súmula de elementos pessoais e intransferíveis que constituem o índice de sua originalidade (p. 58)*

É nesta perspectiva que o Eu transcende a natureza física, a realidade que se apresenta mecânica, despida de qualquer fenômeno. Para chegar-se à essência absoluta devem estar entrosados a individualidade orgânica da natureza com a individualidade singular do homem, o Eu. A atividade do espírito humano, sendo pura e absoluta, porque não está a realidade exterior, busca o infinito sem que se possa alcançar.

A filosofia de vida do homem romântico é caracterizada pela relação contraditória com o mundo. A concepção de vida e de mundo está presa a conflitos entre ideal/imaginário inacessível e o real alienado/corruptível, e deles surgem a necessidade do homem romântico de fuga, seja na solidão, na morte, seja na batalha para transformar a realidade em suave lirismo ou amargo pessimismo.

O pessimismo torna-se outra marca desse período. O artista se vê diante da impossibilidade de realizar o sonho do "eu" e, desse modo, cai em profunda tristeza, angustia, solidão, inquietação, desespero, levando-o ao suicídio que se torna o mal-do-século.

Nenhum movimento literário foi tão rebelde e revolucionário como o romântico, que adquire uma postura perante a vida, construindo-se em uma coordenada fundamental do ser humano, daí ser considerado uma atitude de espírito. E nesse sentido amplo pode se dizer que sempre existiu, pois sempre existiram artistas de temperamento exaltado e melancólico que colocaram a liberdade de expressão como sua norma e o sentimento do coração como inspiração.

O objetivo dessa abordagem sobre as bases históricas e filosóficas do Romantismo é de compreender o movimento num sentido mais amplo e conhecer em que bases se processou as obras de Poe, em especial de "Berenice" (1835).

Edgar Allan Poe: Inconstância e Mistério.

Edgar Allan Poe, crítico, contista e poeta norte-americano, nasceu no dia 19 de Janeiro de 1809 na cidade de Boston e faleceu misteriosamente na cidade de Baltimore a 07 de Outubro de 1849. Filho de Elizabeth Arnold Poe e David Poe, dois comediantes fracassados, fica órfão aos dois anos e é acolhido por Frances Allan e seu marido Jonh Allan, um próspero comerciante de Richmond, de quem adotaria o sobrenome.

Aos dezessete anos matricula-se na Universidade de Virgínia, onde ficou conhecido por suas habilidades intelectuais e seu desempenho nos esportes. Mas não só por isso, nessa época, ele também descobriu a bebida e os jogos de azar, o que resultou em uma reputação duvidosa e em dívidas bem maiores do que poderia assumir, agravando, assim, as relações com seu pai adotivo e obrigando-o a abandonar a universidade.

Sua vida instável, não o impedira de escrever: aos dezoito anos retorna a Boston onde publica anonimamente e suportando os custos, o seu primeiro volume de poemas. O livro passa despercebido, por conseqüência Poe acaba por se alistar no exército, em 1827, pelo período de dois anos. Seis anos depois, ganha um prêmio em dinheiro pela história "Manuscrito encontrado em uma garrafa", foi seu primeiro êxito no mundo das Letras. Este conto rende-lhe também um emprego no Southern Literary Menssenger, ali trabalhou escrevendo todo o tipo de texto, de poema a resenhas de livros, de contos a notícias do mundo literário, aumentado em grande número a circulação do jornal.

Esse desempenho notável iria repetir em outros jornais onde trabalharia, contudo fracassou na tentativa de montar e editar um jornal próprio, ficando condenado a condições financeiras precárias. Condição que iria piorar com o casamento com sua prima Virgínia Clemm, de apenas treze anos, a qual passa acompanhá-lo em busca de melhores oportunidades. Mas a jovem esposa possuía uma saúde muito frágil e acometida por tuberculose, morre em 1847, deixando o marido inconsolado.

A vida turbulenta de Poe parece estabelecer um estranho nexo com suas obras. A morte, o medo e a dor sempre fizeram parte de ambas. Aficionado por esses temas, aos trinta anos já havia publicado três livros de poemas, uma coletânea de vinte e cinco contos, entre eles obras-primas de terror, como "A Queda da Casa de Uscher", e romances de aventura. Atraído por tudo o que era misterioso, consolidou-se como escritor de contos policiais e histórias arrepiantes. Posteriormente foi reconhecido, também, como grande poeta com a publicação do poema "O Corvo".

Nesse aspecto, foi um marco representando o movimento romântico na América do Norte, contudo sua bagagem poética é reduzida, pois custava-lhe muita dedicação e consequentemente necessitava de dinheiro para que pudesse entregar-se a essa volúpia.

E assim, em meio a uma vida inconstante, caracterizada por muitas perdas de pessoas que amava, financeiramente fracassada e uma coletânea de terror, suspence e aventuras, constitui Edgar Allan Poe, o primeiro grande escritor norte-americano.

O Conto e sua Historicidade

O conto surge a partir das narrativas orais, reunindo pessoas que contam e que ouvem histórias e casos, quer seja em rodas de vizinhos, envolta da fogueira, ou sob o luar. Apesar de ser impossível determinar com exatidão o inicio do *contar histórias,* nos remetemos a tempos remoto: Sherazade, em "As Mil e Uma Noites", vence a condenação à morte e conquista o coração do rei Shariar, que traído por sua antiga esposa, resolve que cada noite desposaria uma virgem, a qual seria morta no dia seguinte, para que nenhuma pudesse repetir a traição. Ao contar histórias ao rei, Sherazade, aguça-lhe a curiosidade com narrativas que desembocam uma nas outras. O rei desejoso de ouvir a continuação, adia a execução da esposa. Isso dura por mil e uma noites até que ele se vê apaixonado por Sherazade e desiste de seu propósito.

A partir do século XVIII, o que era narrativa oral passa a ser registrado pela escrita e aos poucos, o conto, afirma sua categoria estética, adquirindo um caráter literário. Isso dá-se quando o narrador adquire a função de " contador-criador-escritor" de contos. Mas para que isso aconteça é necessário que atinja um resultado de ordem estética. Assim, mesmo vindo de narrativas orais, possui aspectos próprios.

O conto é caracterizado por ser uma narrativa curta e concisa. O autor sabendo que deve predominar a economia de linhas, atribui-lhe, então, o máximo de profundidade. Gira em torno de um acontecimento: uma dado extraordinário ou a partir de um fato qualquer, constituído por poucos personagens e dentro de uma única ação. Uma outra marca do conto é a presença do *"ele"*, que narra a história de acordo com a sua própria visão. Apesar disso, ainda, gera muitas indagações quanto a sua classificação. Sendo um modo de se contar alguma coisa, pertence a teoria geral da narrativa, no entanto, mesmo estando subordinada a essa teoria, para muitos teóricos possui características de um gênero especifico. Levantamos a história do conto, considerando nossa proposição de discussão teórica se configurar numa narrativa de Edgar Allan Poe, mais especificamente em "Berenice", que foi publicado em 1835.

Para Poe, o conto deve estabelecer uma relação entre a extensão e o efeito que causa no leitor. Em "Berenice", a narrativa curta, permite ao leitor ler em uma só assentada. Isso por que, para Poe, a extensão é imprescindível para que o efeito a ser causado no leitor atinja sua totalidade.

> *no conto breve, o autor é capaz de realizar a plenitude de sua intenção, seja ela qual for. Durante a hora da leitura atenta, a alma do leitor está sob o controle do escritor. Não há nenhuma influência externa ou extrínseca que resulte de cansaço ou interrupção (POE, 1992, p. 34, in GOTLIB)* .

O efeito a ser causado neste conto é o de horror: a obsessão pelos dentes da prima Berenice leva a uma cena que, mesmo sem detalhes explícitos, tem um poder de horrorizar o leitor a cada nova leitura. Eis ai uma economia de meios narrativos . Poe não explicita e nem antecipa fatos do enredo, porque para ele o que não estiver intimamente ligado ao efeito, não é interessante ao leitor, portanto não deve ser mencionado.

A cena citada acima consiste na violação da tumba de Berenice, enterrada ainda viva, e na extração brutal de seus dentes. Esse acontecimento peculiar se dá envolto a um tom de suspense e delírio do personagem-narrador. É através destes dois componentes: o incidente e o tom, seguidos de combinações adequadas de acontecimentos que Poe considera a melhor forma de elaborar um efeito único. Neste sentido, o conto é compreendido por Poe como fruto de um trabalho consciente e elaborado que se faz por etapas com o objetivo de alcançar o efeito único, uma impressão totalizante. Daí, sua preocupação principal sobre a estrutura das suas narrativas.

Todas estas considerações apresentadas, foi com o intuito de facilitar uma discussão teórica sobre a constituição dos personagens "Berenice" e "Egeu" como tema central dessas produções, que objetiva outro tema a morte.

Berenice e Egeu: A Constituição do Mundo Fantástico

O conto "Berenice" (1835), de Edgar Allan Poe, que será analisado nesse trabalho, faz parte de uma série de contos de horror, nos quais loucura, tensão, crime, obsessão por alguns detalhes físicos, se juntam em uma atmosfera mórbida e grotesca. Em "Berenice" (1835), Egeu, personagem-narrador faz inicialmente um relato sobre si e em seguida apresenta sua prima Berenice, descrevendo-a na infância e posteriormente, na vida adulta, acometida de uma estranha doença. É a partir dessa doença que Egeu passa a observá-la como um "objeto de amor", chegando a pedí-la em casamento. Contudo, ele também sofre de uma doença, a qual ele denomina de monomania, e que se caracteriza pela fixação em uma coisa qualquer. Ao aproximar a data do matrimônio, Egeu se vê obcecado pelos dentes de Berenice. Todavia, antes de se efetivar a união, Berenice sofre uma espécie de epilepsia e é dada como morta. Após o enterro, Egeu levado por sua obsessão viola a tumba de Berenice e extrai-lhe os dente, com ela ainda vida.

Pode-se teorizar este conto de muitas maneiras: descrever sua construção, investigar as relações com o contexto, inquirir o trabalho de sua autoria, ou, ainda, investigar a experiência da leitura. Entretanto, nos colocaremos na posição de analista que vislumbra no tecido verbal seu objeto de estudo. Em nosso caso buscamo-nos compreender como é percebida a figura feminina pelo olhar de Egeu, personagem narrador do conto "Berenice"(1835). Conto, este que pode ser tomado como exemplo máximo do Fantástico Tradicional.

Poe estrutura o conto "Berenice"(1835) em três partes: na primeira parte o personagem narrador se autodenomina de Egeu e apresenta o ambiente em que se dá ação; na segunda parte Egeu apresenta Berenice sua prima, a relação da infância com mocidade e sua imaginação carregada de delírio, que nem o próprio personagem dá conta de tamanho mistério e enigma que é sua vida. No último momento, o personagem mostra-se num mundo imaginário, processo simbólico em que o personagem cria imagens e se perde, mas como todo ser humano, Egeu é verossímil e está sujeito ao real, daí o desfecho do conto: ao despertar de seus delírios, percebe

que havia arrombado a tumba de Berenice e extraído seus dentes, em um gesto brutal, o que leva-o ao desespero.

Ao examinarmos a construção do conto, que é um verdadeiro enigma, constituído de duas histórias em que uma está ausente, mas completamente amarradas num real e a outra está presente, mas não tão significativa como a primeira. A coexistência dessas histórias que completam e dão continuidade aos acontecimentos da narrativa. A primeira história é composta da explicação do personagem Egeu sobre si mesmo e sua visão particular sobre todas as coisas. A segunda história justifica o aparecimento de outros personagens, isto é, como o de Berenice. Essa segunda história dá um aspecto natural ao enredo. É neste sentido que na literatura há um ensejo para admiração. A admiração, na literatura, está no efeito que o enredo do conto apresenta: todos os fatos decorridos na infância dos personagens podem explicar os fatos da vivenciados na vida adulta. Por exemplo, se olharmos através da psicologia estaríamos buscando uma versão racional para a compreensão do problema do personagem Egeu.

A idealização da personagem em estudo se dá na segunda história; uma série de adjetivos é dado a Berenice pelo personagem Egeu, que afirma que:

> *...ela, ágil, graciosa e transbordando de energia. Para ela, as subidas pelas encostas das colinas; para mim, os estudos na reclusão; eu, encerrado dentro do meu próprio coração e dedicado, de corpo e alma. à meditação mais intensa e aflitiva...(POE, 1998, p. 136)*

Atentos ao fragmento acima percebemos que o personagem- narrador, Egeu, ao escrever em primeira pessoa poderia ser tomado como orgulhoso, no entanto mostra-se num gesto de humildade. O narrador que diz "eu" está limitado. Falta-lhes a mobilidade anônima. Não lhe é dado antecipar o futuro. Mais seguro lhe é falar de si mesmo. A memória lhe é uma auxiliar poderoso", (SCHULLER, 2000, p. 28).

A memória é valiosa ao narrador, mas é um espaço estreito de si mesmo, é limitado, pois recordar a sua infância e a de Berenice não significa que compreende os fatos passados, daí a instauração da contraposição entre os personagens. O personagem estabelece um inventário entre sua infância e a de Berenice ao dizer:

> *Berenice e eu éramos primos, e crescemos juntos na casa dos meus pais. Porém, crescemos de modo bem diferente - eu, de saúde fraca e mergulhado em melancolia; ela, ágil, graciosa e transbordante de energia. (POE, 1998, p. 136)*

Neste sentido, Egeu está em constante oposição a Berenice. Estes traços levantados pelo narrador-personagem, parecem à primeira vista insignificantes, mas podem ou tornarão, numa ou noutra situação, específicas para dar ênfase as conseqüências futuras e terríveis. Este pode ser o ponto de partida para os acontecimentos que se seguem até a morte de Berenice. Nesta hipótese interessa-nos o que foi enunciado, proferido pelo narrador

> *Berenice! Repito seu nome - Berenice! - e das ruínas cinzentas da memória, mil lembranças tumultuadas se alvoroçam com esse som! Ah, é tão viva agora a sua imagem diante de mim, como naqueles dias de sua despreocupação e alegria! Oh, Beleza deslumbrante e fantástica! Oh, ... (POE, 1998, p. 136/137).*

Basta ler esta passagem para termos certeza de que se trata de admiração, de encantamento, de que o narrador é corroído. É na dicotomia entre o saudável e o doente , entre o belo e o feio, que o personagem Egeu se estrutura. Desta forma, a adjetivação a Berenice são recursos estilísticos utilizados pelo autor para compor o personagem-narrador Egeu, pois a qualificação infantil da figura feminina expõe a distinção entre o ser que o narrador se tornara em relação a luminosidade de sua jovem prima. Neste sentido, Edgar Allan Poe joga com as palavras e com o leitor, pois para perceber de que matéria é constituído um personagem , tem-se que buscar conhecer a matéria do outro personagem.

Por uma série de fatos "... o narrador toma também distância com relação aos outros homens, com relação ao 'homem normal', mais exatamente com relação ao emprego corrente de certas palavras." (TODOROV, 1979, p. 154), ou seja, o narrador, por não estar dentro dos padrões, declara abertamente que a loucura é uma parte da sua existência, logo na apresentação do conto.

> *... e o auge da maturidade me encontrava ainda na mansão dos meus pais, ... é maravilhoso como uma inversão tão total tenha acontecido na natureza dos meus pensamentos mais comuns. As realidades do mundo afetaram-me como visões e só como tal, enquanto idéias loucas da terra dos sonhos se tornaram, em troca, não o*

> *material da minha existência cotidiana, mas, no final das contas a minha total e única existência. (POE, 1998, p. 136)*

Voltemos, pois a contraposição de uma infância feliz e despreocupada de Berenice versus a vida adulta e doente, pois segundo o narrador a doença de sua prima era "fatal" que atingiu-a rapidamente como

> *o vento simum; e, mesmo enquanto eu a olhava, o espírito da mudança passou sobre ela, afetando sua mente, seus hábitos e seu caráter, perturbando, da maneira mais sutil e terrível, até a sua própria personalidade! Ai, o destruidor chegou e foi embora! - e a vítima, onde está ela? Não a conhecia mais - ou não a conhecia mais como Berenice! (POE, 1998, p. 137)*

Como já apontamos inicialmente, a infância romanceada, construída cheia de brilho e esplendor de Berenice é substituída pelo " mistério e terror, e uma história que não deveria ser contada. Doença - ..." (POE, 1998, p. 137), como afirma Egeu. A doença é o destruidor que chegou e foi embora? Qual é o objeto destruído? Quais as mudanças de Egeu em relação a Berenice? Ao levantarmos esses questionamentos , queremos colocar nossas duvidas com mais vivacidade, pois elas nos impulsionaram a buscar a compreensão de nosso objeto. Neste processo de significação instaura outro sentido que pode se complicar e/ou ainda confundir a noção desenvolvida pelos românticos sobre a idealização da mulher nos séculos XVIII e XIX. Ao aproximarmos mais de nosso objeto verificamos que Berenice foi construída como ser imaginário, idealizado, que adapta-se facilmente ao meio social.

Berenice parece ser criação do próprio narrador, pois todos os dados da personagem são descritos como se fossem íntimos a Egeu. No entanto, a doença, parece ao narrador um desconhecido e um conhecido, pois ela faz parte da sua existência, tanto que afirma: "minha própria doença - pois me disseram que não devo chamá-la por nenhum outro nome" (POE, 1998, p.137). Contudo, ela lhe é desconhecida em Berenice, pois ela apresenta um modelo traçado no século XVIII e XIX. A doença é um elemento surpresa para Egeu, tanto que Berenice, de quem fala não lhe parece ser a mesma da infância, de forma que afirma: "Não a conhecia mais - ou não a conhecia mais como Berenice!" (POE, 1998, p.137)

É interessante ressaltar que no trecho destacado acima, o narrador dá ênfase a sua surpresa ao interromper o enunciado com travessão e fecha com exclamação. Não é usual a situação em que é construída a personagem Berenice, isto é, a fase pueril é carregada pela busca incessante do belo, da perfeição, aproximando da "organização, da autoridade constituída pelos valores éticos e estéticos dos românticos." (GUINSBURG, 1993, p. 149).

É em Berenice na infância, que o idealismo romântico tem seu ponto de partida na hipótese de que o conhecimento puro não se dá de fora para dentro. É diante desta concepção que "eu", o sujeito-narrador é quem cria e determina o objeto e a realidade. É nesta perspectiva de Benedito Nunes (1993) dá ênfase a visão romântica como:

> *... vida interior, espiritual, livre e profunda, a que levam a capacidade expansiva e o poder irradiante do Eu, concretiza-se em tudo aquilo que o indivíduo tem de singular e característico e por tudo quanto nele, dos sentimentos dos pensamentos, é capaz de, sob a tônica do entusiasmo, manifestar espontaneamente aflorando ao exterior, pela riqueza superabundante de conteúdos que possuem força própria, a sumula dos elementos pessoais e intransferíveis que constituem o índice de sua originalidade. (p. 199)*

A originalidade de Edgar Allan Poe está na busca da transcendência da natureza física de seus personagens à realidade mecânica, despida de qualquer fenômeno, que não seja os relativos a morte, que é singular ao homem. A atividade do personagem-narrador, sendo absoluta, não está limitada pela realidade exterior, busca o "infinito", o "indeduzível" sem que possa alcançá-los.

Dessa forma, na segunda história que intitulamos de "Doença de Berenice", - pois é a partir desta que o enredo do conto é desenvolvido, ou seja, é a partir da doença de Berenice, que o narrador-personagem justifica o aparecimento da própria Berenice, dos outros personagens e do desfecho do conto - percebemos um rompimento da vida pueril para "realidades" comuns de Egeu e Berenice. Aquilo que na primeira história representava o contraste em relação a figura feminina e personagem-narrador foi transformando em traços de similaridade. Entre a numerosa adjetivação, surge o ponto de ligação a "doença" de Egeu e a doença de Berenice.

> *... doenças originadas por aquela fatal e primeira, que causou uma revolução tão horrível no moral e no físico de minha prima, pode ser mencionada como a mais angustiante e persistente uma espécie de epilepsia que muitas vezes se transformava em* ***transe****...*
>
> *Ao mesmo tempo, minha própria doença ... então evoluiu rapidamente, ... a cada hora, e a longo prazo conseguindo a mais incompreensível influência sobre mim. Esta monomania se preciso nomeá-la assim, consistia numa irritabilidade mórbida daquelas propriedades da mente, na ciência metafísica, são chamadas de "ligadas a atenção". (POE, 1998, p.137, grifo do autor)*

Na segunda história, o narrador faz o inventário de sua doença, mantendo sua imunidade em relação aos acontecimentos futuros, relativos a Berenice. A instauração do mistério já está feita, pois o leitor interessa "não só pelo que aconteceu antes, mas também por aquilo que irá acontecer interroga-se tanto pelo passado como sobre o futuro." (TODOROV, 1979, p. 65)

O narrador aguça a curiosidade do leitor em relação a Berenice, entretanto ele continua com seus pensamentos desordenados. Numa visão mais critica percebemos que quando o narrador enuncia:

> *Em meu caso, o objeto primeiro era* ***invariavelmente frívolo****, embora assumindo, graças a minha visão perturbada, uma importância virtual e irreal. Poucas deduções eram feitas, se é que eram, e essas poucas insistiam em girar em torno do centro que era o objeto original,.(POE, 1998, p. 138, grifo do autor)*

A nós ficam os questionamentos: qual era o objeto original para Egeu ? E Berenice ? Para Charles Baudelaire esses questionamentos passam por um processo filosófico, em que o próprio Edgar Allan Poe aplica na literatura aspirações filosóficas numa constante experimentação. Em Berenice, a narração se dá de forma simples. O escritor "abusa do eu" com uma cínica monotonia "... o ar fica rarefeito nessa literatura, como num laboratório: contempla-se aí sem cessar a glorificação da vontade, aplicando-se à indução e a análise" (BAUDELAIRE, 1997, p.17).

Ao abusar do "eu", do método da introspecção na constituição do enredo e de seus elementos estruturais é possível flagrar nas criaturas que povoam o conto Berenice características que são comuns ao próprio autor. É nesse sentido que Baudelaire afirma que:

> *Os personagens de Poe, ou melhor, o personagem de Poe, o homem de faculdades superagudas, o homem de nervos relaxados, o homem cuja vontade ardente e paciente lança um desafio às dificuldades, aquele cujo olhar está ajustado, com a rigidez duma espada, sobre objetos que crescem à medida que ele os contempla - é o próprio Poe (BAUDELAIRE, 1997, p 17).*

Ao explorar mais os contos de Poe, percebemos que através do recurso estilístico moderno, denominado de "flash back", é dado pelo autor ao narrador-personagem a oportunidade de posicionar-se em dois mundos conflitantes de forma que num momento está instável e no outro pura perturbação. Um mundo estranho, nebuloso e habitado pelos "fantasmas" de uma visão deturpada do momento real, isto é, da realidade. As razões deste olhar deturpado têm explicações intrínsecas ao narrador e concordantes à realidade, gerada de estados de fantasia, de sonolência e acima de tudo de loucura

> *As realidades do mundo me afetavam como visões, e só como tal , enquanto as idéias loucas da terra dos sonhos tornaram, em troca, não o material da minha existência cotidiana, mas, no final das contas, a minha total e única existência. (POE, 1998, p. 136)*

Com efeito, o narrador apresenta através do *flash back*, isto é, de um retorno a memória e nela a lembrança da beleza idealizada e contemplativa de Berenice, que Baudelaire hipoteticamente diz tratar-se também do próprio autor, pois para ele as personagens sejam elas masculinas ou femininas diz respeito a vida de Poe. Consideremos pois, a constituição de Berenice, que passa por dois momentos conflitantes e contraditórios: ora é brilhante, ora é apagada pela doença; é neste ponto que Baudalaire entusiasmadamente afirma que as personagens são criadas a partir de dados biográficos, que configuram-se a vida agitada de Poe e nas suas estranhas e inalcançáveis aspirações. Baudelaire corrobora que:

> *as mulheres, todas luminosas e doentes, morrendo de doenças estranhas e falando com voz que parece uma música, são ele ainda; ou pelo menos por suas aspirações estranhas, por seu saber, por sua melancolia incurável" (BAUDELAIRE, 1997, p. 17)*

Para criação e manutenção do mundo fantástico em Berenice, o autor coloca os personagens centrais na tênue linha divisória entre a vida e a morte e para

tal utiliza-se da criação de atmosfera e indícios que nos conduzem ao ápice do conto. Para melhor compreender-mos este ponto, voltemos pois a primeira parte do conto em que o narrador confessa pertencer a uma estirpe "chamada de raça de visionários", declara a evolução de sua "própria doença", de forma que através de sua "visão doentia", acabara por enfatizar aspectos frívolos com noções distorcidas da realidade.

> *É mais do que provável que eu não seja entendido, mas receio, sem dúvida, que não haja maneira possível de exprimir para a mente do leitor comum uma idéia adequada dessa* ***intensidade de interesse nervosa*** *com que, em meu casa, os poderes da meditação (para não falar tecnicamente) se aplicavam e se encerravam na contemplação dos mais comuns objetos do universo.*
>
> *Cismar por longas e incansáveis horas, com a atenção dirigida a algum detalhe frívolo na margem ou na tipografia de um livro; (POE, 1998, p. 137, grifo do autor).*

Outros recursos que contribuem na constituição da personagem Berenice, que dão ênfase ao fantástico, por exemplo é se a visão deturpada da realidade não é a responsável pela justificativa da não aceitação do mundo maravilhoso, muitas vezes uma pretensa ciência poderia ser responsável e por ela responder. No conto em estudo, a epilepsia ou patologias dos personagens confundem a vida e a morte, dissimulando a última, são recursos que coloca o mundo maravilhoso narrado por Egeu em questionamento. Segundo o próprio Egeu, a doença de sua futura esposa compunha-se em "uma espécie de epilepsia, ... muito semelhante à morte efetiva e cuja forma de recuperação era, com freqüência, espantosamente abrupta," (POE, 1998, p. 137). Assim, a ciência é quem mascara a realidade, no entanto não tem respostas prontas para o que Egeu descreve.

O mundo fantástico em "Berenice" nega a compreensão realista. O narrador-personagem nega e duvida da possibilidade de que sua visão trate da verdade, depara-se com explicações de cunho sobrenatural para fatos da narrativa. Assim, o retorno à vida após a morte, a reencarnação ou a credulidade na existência do espírito se configuram na personagem Berenice como um tema para o fantástico, no momento em que o narrador questiona-se se é verdade "o dedo da defunta se mexera no sudário que a envolvia," (POE, 1998, p. 141).

Contrariando os moldes românticos, o narrador apaixona-se por uma Berenice, desfigurada pela doença, tanto que a morbidez deixa sua imaginação excitada pela antecipação da morte de sua futura esposa.

> *Durante os tempos mais esplendorosos de sua beleza sem igual, com certeza eu nunca a amei. Na estranha anomalia da minha vida, os sentimentos* ***nunca foram*** *do coração; minhas paixões* ***sempre eram*** *da mente ... ela passara rapidamente diante de meus olhos e eu a vira - não como a Berenice que vivia e respirava, mas como a Berenice de um sonho; não como um ser da terra, concreto, ... mas para analisar; não como um objeto de amor, mas como o tema da especulação mais abstrusa, embora incoerente. E* ***agora*** *... (POE, 1998, p. 139 e 140, grifo do autor).*

Ao nosso ver o fragmento acima, trata-se do primeiro aspecto fantástico que percorre todo o conto, mas que caracteriza a constituição de Berenice e dá ênfase as emoções de Egeu, sobre a menina luminosa da infância, que era objeto de sua contemplação e paralelamente a Berenice mulher, mas afeada pela doença. Neste aspecto a Berenice mulher faz com que irrompa em Egeu sentimentos excitantes.

> *Foi minha imaginação excitada - ou a influência nebulosa da atmosfera, ou a iluminação incerta do cômodo ... um sentimento de ansiedade insuportável me oprimiu; uma curiosidade que me consumia dominou minha alma e, recostando-me mais na cadeira, fiquei sem respirar e sem me mexer por algum tempo, com os olhos fixos nela. Puxa! Sua magreza era excessiva e nenhum vestígio de pessoa que fora restava em qualquer linha de sua aparência. Afinal, meus olhares ardentes chegaram ao rosto. (POE, 1998, p. 140).*

Na primeira parte do conto, o narrador descreve as qualidades de Berenice, contudo na segunda que denominamos de "A doença", ele descreve a personagem com o intuito de apresentar a Berenice, seu objeto de amor. E como vimos no trecho acima, a descrição da noiva está longe de identificar-se com a luminosidade salientada na infância da menina Berenice, mas muito perto da infância enclausurada de Egeu. Neste ponto da narração a vida e os fatos presenciados pelo narrador quando menino, os são também por Berenice.

A elaboração da atmosfera mórbida e a descrição da personagem pós doença é recurso constante na narrativa de Poe, pois como já afirmara Todorov parecem preparar gradualmente o leitor implícito para os momentos fantásticos que

ainda serão narrados. Esses elementos característicos do discurso da literatura fantástica servem dessa maneira, para antecipar de forma velada o *grand-finale*. Atentemos para o trecho abaixo, pois ele nos revela um outro traço do fantástico.

> *A testa era alta, muito pálida e singularmente plácida; o cabelo, antes muito negro, caía parcialmente sobre ela e projetava uma sombra sobre as faces cavadas ... Os olhos eram sem vida, sem brilho e aparentemente sem pupilas; fugi involuntariamente daquele olhar vítreo para contemplar os lábios finos e apertados. Eles se abriram e, num sorriso bem significativo, os* ***dentes*** *da transformada Berenice foram se mostrando devagar para min. Quisesse Deus que eu nunca os tivesse visto ou que, tendo-os visto, tivesse morrido! (POE, 1998, p. 140/141, grifo do autor).*

Ao atentarmos para o fragmento acima, do conto em estudo, percebemos que Poe, utiliza de outro recurso fantástico na construção do personagem Egeu, que é a obsessão pelos dentes de Berenice. Essa obsessão parece fazê-lo sofrer, de forma que implora a "Deus que eu nunca os tivesse visto, ou que, tendo-os visto, tivesse morrido", (POE,1998, p. 141). Num misto de insanidade e loucura, a obsessão foi crescendo de forma que ganhou proporções inimagináveis ao leitor. Entretanto, o leitor implícito acaba por perceber que aspectos como "ausência de pupilas", diferentemente da fixação pelos dentes, não ocorrem realmente, mas servem tão somente como uma forma de ampliar o aspecto mortuário da personagem Berenice. Todavia, por alguns instantes, esta aparência leva-o à confusão à duvidas se Berenice estaria mesmo viva. Para o narrador, a aparência funestas e sem vida da personagem Berenice causa repulsa e pavor, obrigando-o a desviar o olhar.

Desta feita, o jogo de linguagem acaba por manifestar o estado de espírito do narrador de forma que colabora para a criação de atmosferas fantásticas, segundo teorização de Todorov.

Conforme afirma Todorov, Poe utiliza-se na construção do conto, elementos gerados da própria mente humana, daí a obsessão pelos dentes de Berenice. Primeiramente, a perseguição pela beleza de Berenice, depois pelos aspectos mórbidos gerado pela sua doença e por fim seu objeto de desejo se fixa nos dentes "que se mostrou para ele". No entanto, os dentes tornou-se uma obsessão doentia, de modo que o próprio Egeu denominou de "fúria total da minha monomania", que nada mais é que uma "anomalia mental em que a inteligência e a

afetividade são alteradas em uma só ordem de idéias ou de sentimentos; atividades dirigidas por uma idéia fixa." (Dicionário Aurélio). Veja como o narrador fala enfaticamente de seu objeto.

> *... **Agora** eu os via mais distintamente do que antes. Os dentes! Os dentes! Lá estavam eles ... diante de min; compridos estreitos e excessivamente brancos... eles estavam presentes na visão mental, e, na sua única individualidade, tornaram-se a essência da minha vida mental. (POE, 1998, p. 141, grifo do autor).*

E continua numa introspecção delirante sobre a idéia.

> *... de Berenice eu acreditava mais seriamente que **todos os seus dentes eram idéias. Idéias**! Esse foi o pensamento idiota que me destruiu! - e por isso eu os cobiçava tanto, eu sentia que possuí-los poderia restabelecer minha paz, dar-me a razão outra vez. (POE, 1998, p. 141, grifo do autor)*

Ao analisarmos o fragmento acima, percebemos que significativamente ele instaura no leitor um suspense, pois o leitor não tem pistas do grande final, tendo em vista que, nem o narrador parece estar consciente de suas ações, pois o fluxo de consciência é encerrado. Nesse momento, podemos ressaltar que, ao contrário da definição de Todorov, o narrador fica perplexo ao deparar com o fato narrado. Isto é, o narrador de Poe espanta-se, apesar de ser cético, por isso pode ser tomado como esférico, ainda que Todorov postule que o narrador fantástico é plano.

O narrador estabelece relação com o "fantasma" dos dentes com os acontecimentos que levaram Berenice à morte. Segundo Todorov, Poe era um defensor da construção do conto voltada para um momento máximo ou clímax da narração. Assim, o conto foi elaborado metodicamente cada elemento de forma a conduzir o leitor implícito para um ponto de grande impacto na narrativa, o salto mortal ou *grand-finale*. Para tal, utiliza-se dos elementos já abordados como a forte presença do narrador, instrumentador dos elementos, como descrição de personagens e de criação de atmosferas propícias para estabelecer o fantástico.

Em Berenice, o clímax ocorre no final da narração, o narrador percebe que extraíra cruelmente os dentes sua futura esposa recém-sepultada, ainda viva. Entretanto, para que sua surpresa seja repartida com o leitor implícito, detalhes da

doença de cunho epiléptico da noiva, de "sua falsa doença" "monomâniaca" e da fortíssima impressão que os dentes de Berenice lhe causavam, vão sendo apresentados gradualmente na narrativa.

Para diferenciar a construção do conto, o clímax situa-se no final da narração, entretanto, um fator de constituição que prepara para o final inesperado situa-se na epígrafe escrita em Latim: "Dicebant mihi sodales, si sepulchrum amicae visitarem, curas mea aliquantulum fore levats." (Ebn Zaiat), que significa " Meus companheiros me asseguravam que visitando o túmulo de minha amiga conseguiria, em parte, alívio para minhas tristezas".

Postados logo abaixo do título do conto, essa epígrafe aborda sobre tema principal da narrativa. A constituição da personagem feminina e de Egeu, passam por critérios de composição que enfatizam o efeito do fantástico. A personagem vive dois momentos: um de estrema beleza e felicidade, que configura-se como a fase da despreocupação, do amor, da harmonia, que é a da infância; o segundo momento trata-se da vida adulta, em que a personagem é acometida por uma doença, que desfigura totalmente a beleza da infância. Esses dois momentos são narrados por Egeu, que foi constituído gradualmente, mas vive numa linha frágil entre a vida e a morte, em que a morte e a morbidez fazem parte de sua composição. Nesta análise percebemos que o narrador assume vital importância na confecção de Berenice e do mundo fantástico, aos moldes da definição de Todorov.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho de análise, levantamos questões como por exemplo: como se apresenta o fantástico no conto "Berenice", de Edgar Allan Poe? Que recursos o autor utilizou para manutenção e êxito de fantástico no conto em estudo? Qual a relação do fantástico na constituição dos personagens centrais?

A principio, essas questões apontadas seriam a "chave" que daria conta de explicar a constituição da personagem Berenice no universo da narrativa, por isso partimos delas para investigar nosso objeto, com o intuito de construir a discussão teórica, que nos propusemos inicialmente.

A partir da discussão feita baseada nas questões já salientadas, chegamos à conclusão que elas não eram primárias como inicialmente pensamos, mas secundárias, tendo em vista que qualquer discussão sobre a personagem só é possível se analisarmos o narrador-personagem, pois Berenice só existe sob o olhar de Egeu, isto é, a constituição de Berenice está ancorada profundamente na de Egeu. Assim, qualquer tentativa de análise da personagem no conto "Berenice" separada do narrador está fadada a frustração.

A construção da personagem foi ampliando na medida em que o enredo foi de desenvolvendo, de forma que se estabelece uma conexão relevante a definição do fantástico. A personagem "cresce" e "diminui", isto é, ora luminosa, ora apagada pela doença, recurso utilizado pelo autor para representar o mundo fantástico em que o narrador expõe a linha tênue em que vive o homem: num mundo conflituoso gerado da realidade melancólica e sombria da vida. Deste modo, o mundo fantástico dos personagens encaixa-se na conceituação feita por Todorov, com algumas alterações, pois mostra-nos que o fantástico não pode ser totalmente descrito pelos pressupostos teóricos de Todorov. Tendo em vista que este permite que explicações reais sejam dados aos fatos maravilhosos "presenciados", esse mundo é preenchido de momentos de total indecisão e hesitação. E ainda são complementados pôr estados intermediários entre o sono, a loucura, o acaso, a alucinação ou mesmo da intelectualidade quando questionada, de forma que estes estágios poderiam dar abertura para outras explicações reais para esses fatos que são fantásticos.

Analisar o fantástico através de Berenice e Egeu foi reconhecer que Edgar Allan Poe deu uma importância vital aos personagens, mas acima de qualquer outro, ao narrador na construção do mundo fantástico. Enfim, pensar em Berenice e Egeu é reconhecer a constituição do fantástico tradicional, eliminando portanto toda e quaisquer dúvidas sobre realidade e fantasia, pois esses dois aspectos são as faces da mesma moeda no mundo poeano em "Berenice"(1835).

Referências Bibliográficas

BAUDELAIRE, Charles. "Edgar Allan Poe" em *Ficção Completa, Poesia & Ensaios*, Rio de Janeiro, 1997. Nova Aguiar.

CORTÁZAR, Julio. "Poe: o Poeta, o Narrador e o Crítico" em *Valise de Cronópio*. Perspectiva. São Paulo, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. "Dicionário Aurélio". Edição revisada, 2002. 43ª ed. Ática, São Paulo.

GOTLIB. Nadia Batella. "Teoria do Conto". 3ª ed. Ática, São Paulo,1987.

GUINSBURG, J. (org.). "O Romantismo". 3ª ed. Perspectiva. São Paulo. 1993.

POE, Edgar Allan. "Histórias de Crime e Mistério". Ática. São Paulo, 1998. Série Eu Leio. Tradução de Geraldo Galvão Ferraz.

POE, Edgar Allan.. "A Filosofia da Composição" em *Ficção Completa, Poesia & Ensaios*, Rio de Janeiro, 1997. Nova Aguiar.

SCHULER, Donaldo. Teoria do Romance. 1ª ed. Ática, São Paulo, 2000.

TODOROV, T. "As Estruturas Narrativas". Perspectiva, São Paulo, 1979.